

O corpo no Estádio do Espelho

Corpo, Pulsão, Gozo (Curso Campo Psicanalítico de Salvador 2016)

Marcus do Rio Teixeira

A assunção jubilatória da sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o eu [Je] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.¹

Apresentamos aqui um resumo das teses de Lacan sobre o Estádio do Espelho, acompanhadas de comentários de autores que releem esse tema à luz de colocações posteriores da teoria lacaniana.

“O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” (1949) é sem dúvida, juntamente com “O seminário sobre ‘A carta roubada’” um dos textos mais conhecidos de Lacan. Este, aliás, não cessa de citá-lo em seus seminários, lembrando também a interrupção feita por Ernest Jones quando da sua primeira apresentação em 1936, no congresso da IPA em Marienbad. O Estádio do Espelho nos interessa particularmente como a primeira abordagem do tema do corpo feita por Lacan, situando-o no real do organismo que vem a se constituir enquanto corpo no sentido propriamente psicanalítico, distinto da pura materialidade orgânica por efeito do seu investimento imaginário e simbólico.

Porém, nos dias de hoje, alguns lacanianos preferem relegar esse artigo a um papel secundário, fora de moda, representante do período inicial do ensino de Lacan, supostamente consagrado ao Imaginário (em detrimento do Simbólico e do Real, segundo essa leitura). Textos desse período são vistos como peças de um museu teórico, e mesmo que não sejam depreciados explicitamente, costumam ser acompanhados por um comentário condescendente: “Ah, é um texto do primeiro Lacan...”

Tal leitura, que qualifiquei de “evolutiva” em outra ocasião, tenta reduzir o ensino de Lacan a uma sequência de fases cronológicas que corresponderiam às dimensões do nó borromeano, sucedendo-se à maneira de “degraus” (cortes que indicariam atualizações do paradigma). Ainda que a teoria de Lacan

¹ LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 97.

obviamente não tenha surgido de uma só vez, em estado acabado, a leitura das suas teses como etapas que se sucedem superando-se é um reducionismo que ignora as idas e vindas das suas construções e tenta adaptar a sua teoria ao leito de Procusto do Discurso Universitário.

Para nós, ao contrário, mais importante do que classificar os textos de Lacan segundo uma cronologia pretensamente fundamentada nas dimensões borromeanas é identificar os pontos em que ele apresenta suas teses, algumas das quais ele retoma e reformula, outras que ele mantém ao longo dos anos; porém todas de importância crucial para a clínica psicanalítica.

Colette Soler tece um comentário a respeito dessa rejeição ao imaginário por parte de alguns analistas: “Desta forma encontramos todo um discurso degradado de valorização do simbólico contra o especular que precisa ser reduzido. Lacan é um pouco culpado por essa degradação do imaginário, mas o especular é já uma erotologia para Lacan.”²

Esse comentário muito pertinente não deixa de ter seu lado irônico, pois, se segundo a autora, Lacan tem sua parcela de responsabilidade na exaltação do Simbólico em detrimento do Imaginário, caberia lembrar que ela própria influenciou seus discípulos, que enfatizam o Real em detrimento dos outros dois registros (o que contraria o princípio do enodamento borromeano, que não privilegia nenhum registro), alguns chegando a definir operações simbólicas como “reais”. Ela comentava na ocasião a afirmação de Lacan, para quem a psicanálise é uma erotologia: “Não lhes desenvolvo uma *psico-logia*, uma discurso sobre a realidade irreal a que chamamos psique, mas sobre uma práxis que merece um nome: *erotologia*.”³ Abordaremos esse ponto mais adiante.

Referindo-se à teorização lacaniana do Estádio do Espelho, a autora diz no seu Seminário *L'en-corps du Sujet*:

Nesse esquema que coloca do lado do real o organismo despedaçado e do lado do imaginário o que ele chama “a imagem ortopédica da realidade”, vê-se que a primeira ideia de Lacan foi a de atribuir ao imaginário uma função mediadora. Ele o diz de uma maneira precisa: é graças à imagem, e mesmo à imago, que se pode estabelecer uma relação entre o organismo e sua realidade (página 96 do Estádio do Espelho). Pode-se dizer que Lacan jamais, realmente, retornou a esta tese.⁴

Recordemos sucintamente a tese de Lacan: em um período que ele situa, amparado em estudos psicológicos, por volta dos seis meses de idade, anterior à aquisição da fala e ao domínio do corpo próprio

² SOLER, C. *Seminário de leitura de texto, ano 2006-2007: Seminário A angústia, de Jacques Lacan*. São Paulo: Escuta, 2012. p. 27.

³ LACAN, J. *O Seminário, Livro 10, a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 24.

⁴ SOLER, C. *L'en-corps du sujet - Cours 2001-2002*. Paris. Sem identificação editorial, 2003. Aula de 21/11/2001, p. 13 (Tradução para uso interno de Sonia Magalhães).

(devido à imaturidade neurológica), o pequeno filhote do homem tem o seu olhar captado pela sua imagem refletida no espelho. Volta-se então para o adulto que o carrega nos braços, o qual confirma que se trata de fato da sua imagem. O estado de júbilo que acompanha essa confirmação testemunha para Lacan uma antecipação do domínio do corpo próprio, apreendido enquanto unidade no momento em que o organismo ainda não permite tal domínio, sendo o corpo vivenciado até então por partes (despedaçado).

Para o que nos interessa aqui, que é rastrear e compreender a primeira abordagem do corpo no ensino de Lacan, há alguns elementos a destacar: o organismo em estado de prematuração neurológica, a imagem em sua potência totalizante e unificadora, o olhar do adulto no lugar do Outro que valida essa imagem para a criança e por fim o estado de júbilo decorrente da antecipação do domínio do corpo próprio concebido como uno, onde o poder de pregnância da imagem se articula ao reconhecimento pelo Outro, aqui representado pelo adulto. A partir destes pontos Lacan elabora a sua tese concernente à constituição do eu concomitante à aquisição do domínio do corpo. Essa origem exterior e ortopédica do *eu* torna o desconhecimento inerente à sua natureza e a relação de estranhamento sempre no horizonte, seja na experiência do *Unheimlich*, seja nas formas alucinatórias do duplo. O fenômeno do transitivismo ilustra o risco da captura pela imagem do semelhante.

Soler assim resume a tese de Lacan:

A construção de Lacan é a seguinte: um problema real – o não acabamento genérico devido à prematuração – encontraria uma solução no imaginário, a imagem anunciando a totalização do organismo fragmentado, cuidando da sua deiscência vital; daí a jubilação, pensa ele. Ele supõe um mal-estar primeiro, real, e uma solução imaginária e pelo imaginário.⁵

Temos, portanto, o real do organismo, que impõe uma limitação e um mal-estar cuja superação é antecipada por efeito da *gestalt* da imagem, possibilitando a passagem ao corpo inscrito no simbólico e no imaginário. O termo *real* apostado a *organismo* é vez por outra objeto de um questionamento que se pretende amparado na definição do conceito nos anos finais do ensino de Lacan. Tal questionamento dá a entender que os autores que se referem ao corpo enquanto real não conhecem bem a teoria de Lacan.

Da minha parte, concordo com os autores que, fundamentados em Lacan, sustentam que *real* aqui deve ser entendido como aquilo que não diz respeito à linguagem, ao simbólico; tampouco depende dos caprichos do imaginário, mas se impõe como um *dado inegociável*, fora do sentido. Eis o que pensam alguns desses autores. Observem quem eles são e o que dizem, e vejam se eles desconhecem a teoria lacaniana.

⁵ SOLER, C. *L'en-corps du sujet...* Op. cit., p. 13.

O corpo é assim esse Real do qual você não pode fugir e que convém servir como ele bem entende se você tentar se passar por seu mestre; mas se o servir devotadamente, o índice de realidade das percepções que ele assume se deve a esse único traço: seu caráter obrigatoriamente insatisfatório.⁶

O conceito de real em Lacan é susceptível pelo menos a três significações específicas. Ele conota o impossível, o resistente e o objeto da rejeição. Enquanto o conceito de real conota o impossível, o real do corpo é constituído por tudo o que, do corpo, escapa às tentativas de imaginarização e de simbolização. [...] Um outro real encontra um lugar importante no ensino de Lacan. Ele é esse ao qual nos batemos, o que retorna sempre ao mesmo lugar, o que vem constituir obstáculo a nossos anseios e a nossos desejos [...] se reúne, sob essa denominação, a diferença anatômica dos sexos e a morte, enquanto inevitável destruição do soma. Em Lacan encontra-se também, sob essa denominação, a prematuração orgânica do neonato, seu patrimônio genético [...] e a fragmentação corporal [...]

Tudo aquilo que, do corpo, resiste, não constitui necessariamente o objeto de uma rejeição cultural ou particular. Contudo, esse pode ser o caso. Nota-se assim, com frequência, a tendência mais ou menos pronunciada ao desconhecimento infantil da diferença dos sexos e da ausência de pênis na mãe. O ser desejante assume de modo igualmente difícil a não-existência da relação sexual e a morte como destino final de cada corpo.⁷

[...] falo do organismo que provém da natureza, o que se vê muito bem no umbral da puberdade, que abre a possibilidade da reprodução dos corpos, isto é algo real; o real já que não depende do simbólico nem tampouco do imaginário [...]⁸

O esquema óptico de Bouasse

Nessa primeira abordagem do Estádio do Espelho que trago para vocês, é necessário recorrer a outro texto de Lacan, “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”⁹ no qual ele introduz o chamado esquema óptico de Bouasse (figura 1) para ilustrar o investimento no organismo e os efeitos daí resultantes.

O esquema em questão descreve uma experiência do que Lacan chama a “física divertida”, onde uma bancada é posicionada diante de um espelho côncavo tendo sobre ela um vaso de flores vazio. Sob a

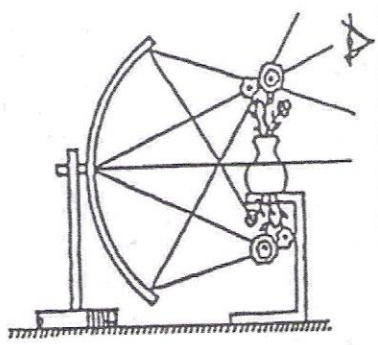
⁶ MELMAN, C. *Nouvelles études sur l'hystérie*. Paris: Joseph Clims/Denoël, 1984, p. 101.

⁷ DE NEUTER, P. Corpo. In: CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B. (Org.). *Dicionário de Psicanálise*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. p. 70-72. p. 72.

⁸ SOLER, C. *Lo que queda de la infancia*. Meddellin: Asociacion del Campo Lacaniano de Meddellin, 2014. p. 35.

⁹ LACAN, J. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: _____. *Escritos*, Op. cit., p. 653-691. p. 680.

bancada, invertido e oculto do observador, há um ramalhete de flores. Para obter o efeito desejado, o observador deve se posicionar corretamente no cone dos raios que partem dos limites do espelho. Nessa posição ele verá a imagem real do ramalhete de flores no gargalo do vaso, criando a ilusão de um vaso com flores. Para evitar confusão, cabe lembrar que a expressão *imagem real* não é de Lacan, mas trata-se de um termo da física para designar a imagem que se forma no espaço exterior ao espelho, ao contrário da imagem virtual, que é aquela que se forma “dentro” do espelho, no espaço virtual “atrás” da superfície especular.



Marie-Christine Laznik dedica vários textos a comentar esse esquema óptico no contexto de uma teoria da constituição do sujeito. Ela ressalta na sua leitura a importância do olhar dos pais em um tempo logicamente anterior, para que o Estádio do Espelho possa se instalar adequadamente e propiciar que o sujeito possa advir. Este é para a autora um tema crucial na clínica do autismo.

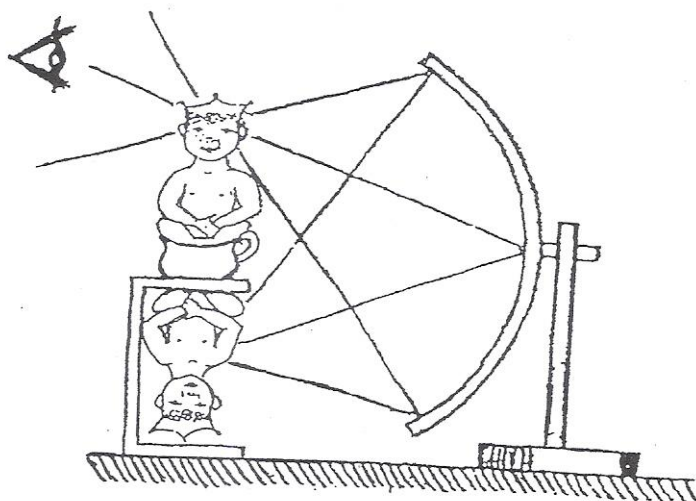
A pequena experiência de Bouasse alia um objeto real, – que será para nós a representação real do bebê, digamos para simplificar, o orgânico – a algo que parece estar realmente lá também, que parece fazer um com este objeto real e, entretanto, é uma imagem; é a imagem real, no caso essas flores que não estão lá e que parecem todavia se encontrar dentro do próprio gargalo desse vaso. Alguém, um sujeito cujo olho estivesse convenientemente situado num cone formado pela intersecção de duas retas que partem dos limites superiores e inferiores do espelho côncavo e que vêm se cruzar no lugar onde vemos formar a imagem real, na condição de estar situado a certa distância deste conjunto formado pelo objeto real e a imagem real; ele veria os dois, como formando um todo, uma unidade. Eis a melhor representação que conheço para dar conta da complexidade que a constituição do corpo do

bebê pode representar, a articulação entre sua simples realidade orgânica e o que eu chamo “o olhar dos pais”.¹⁰

Segundo Laznik, para que o *infans* ultrapasse a sua condição puramente orgânica, de um serzinho que chora, mama, defeca e dorme, para que possa advir como um sujeito, é preciso haver um olhar daquele que ocupa o lugar do Outro que o invista libidinalmente, que possa enxergá-lo além da sua condição puramente orgânica, antecipando a sua condição de sujeito (“olhar” aqui deve ser entendido não no sentido literal da visão). Sendo o Outro um lugar, e um lugar vazio, é preciso, contudo, que algum sujeito ocupe esse lugar para o bebê; por ser ele próprio um sujeito, ele tomará o bebê como o objeto que viria preencher, ainda que transitoriamente, a sua falta, enxergando-o coroado pelo brilho fálico.

É o que Laznik representa na sua versão brincalhona do esquema de Bouasse:

Quando eu tento tornar sensível o uso metafórico deste esquema para questões clínicas que se colocam para nós, me vem à cabeça uma alegoria que se pode desenhar sobre o esquema de Bouasse. Um pouco de brincadeira, poderíamos representar o vaso como um penico e as flores se tornariam o reizinho. Essa imagem paradoxal permite, de repente, compreender o laço particular entre real do organismo do *infans* – o penico figura bem o aspecto de esvaziamento e enchimento – e algo que é apenas uma imagem, representação antecipadora, este *His Majesty, the baby* de que nos fala Freud em *Sobre o narcisismo, uma introdução*.¹¹



¹⁰ LAZNIK, M.-C. Os efeitos da palavra sobre o olhar dos pais, fundador do corpo da criança. In: _____. *A voz da sereia – o autismo e os impasses na constituição do sujeito* (textos compilados por WANDERLEY, D.). Salvador: Ágalma, 2013 (3ª Ed.). p. 42-43.

¹¹ Id., *ibid.*, p. 44.

A autora enfatiza a necessidade de uma *ilusão antecipadora* da parte desse Outro que permita-lhe enxergar além da realidade anatômica o sujeito que ali só existe enquanto falado.

Minha hipótese é que esta unidade, esta imagem corporal originária, só pode se formar no olhar do Outro. Mas para isso é preciso que o aparelho psíquico da mãe seja capaz da ilusão antecipadora, quer dizer, que ele veja o que não está lá. É o que Winnicott nomeia “loucura normal da mãe”. Só mesmo um pediatra para inventar um termo como este!¹²

A ênfase aqui é no papel do Outro na passagem do organismo ao corpo e na constituição do sujeito, que Lacan resume no *Seminário 10, A Angústia*, quando diz que o sujeito (assim como o objeto) está no campo do Outro. “Todos dois estão do lado do Outro [...]”¹³ Com base nessa leitura do Estádio do Espelho, poderíamos acrescentar que além do sujeito, também o corpo originalmente provém do Outro. Esse corpo que reconheço como meu, na verdade eu o recebi do Outro. Para que se constitua essa imagem una que será doravante a imagem do corpo próprio é necessário o seu reconhecimento pelo Outro.

Ainda no *Seminário 10*, Lacan destaca a importância da validação da imagem da criança feita pelo adulto que se ocupa dos cuidados maternos.

Na simples imagenzinha exemplar da qual partiu a demonstração do estágio do espelho – o chamado momento jubilatório em que a criança, vindo captar-se na experiência inaugural do reconhecimento no espelho, assume-se como totalidade que funciona com tal em sua imagem especular – porventura já não relembrei desde sempre o movimento feito pela criancinha? Esse movimento é tão frequente, tão constante, eu diria, que qualquer um pode lembrar-se dele. Ou seja, a criança se volta, como observei, para aquele que a segura e que está atrás dela. Se nos esforçarmos por assumir o conteúdo da experiência da criança e por reconstituir o sentido desse movimento, diremos que, através desse movimento de virada de cabeça, que se volta para o adulto, como que para invocar seu assentimento, e depois retorna à imagem, ela parece pedir a quem a carrega, e que representa aqui o grande Outro, que ratifique o valor dessa imagem.¹⁴

Laznik¹⁵ vai ressaltar na sua leitura do Estádio do Espelho o papel fundamental desempenhado pela alienação na constituição do sujeito, alienação que ela situa nas três dimensões: *alienação imaginária* (a captura por essa imagem outra no espelho e a construção do seu eu ao modo dessa imagem); *alienação simbólica* (a necessidade de passar pelos significantes do Outro para advir à condição de falante), e *alienação real*, que diz respeito ao circuito pulsional, cujo fracasso, no autismo, impede o investimento

¹² LAZNIK, M.-C. Os efeitos da palavra..., p. 45.

¹³ LACAN, J. *O Seminário, Livro 10...* Op. cit., p. 36.

¹⁴ Id., *ibid.*, p. 41.

¹⁵ LAZNIK, M.-C. Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional – Quando a alienação faz falta. In: _____. *A voz da sereia...* Op. cit., p. 49-68.

das zonas erógenas e a própria capacidade de investimento nos objetos. Retornaremos a esse último aspecto quando discutirmos o corpo pulsional.

O esquema do espelho plano

Mas se o esquema de Bouasse ilustra o Estádio do Espelho do ponto de vista daquele que dirige o olhar ao bebê, investindo-o libidinalmente, para compreendermos esse processo do ponto de vista daquele que vê a sua imagem a partir do olhar do Outro é preciso recorrer ao esquema onde Lacan acrescenta o espelho plano, que ele marca com o A do Outro. Esse esquema, que também aparece no artigo “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” é retomado em outros lugares como, por exemplo, o *Seminário 1, Os escritos técnicos de Freud*.

Marc Darmon¹⁶ ressalta a inscrição simbólica do sujeito como condição necessária para que se produza o efeito imaginário do reconhecimento da sua imagem especular.

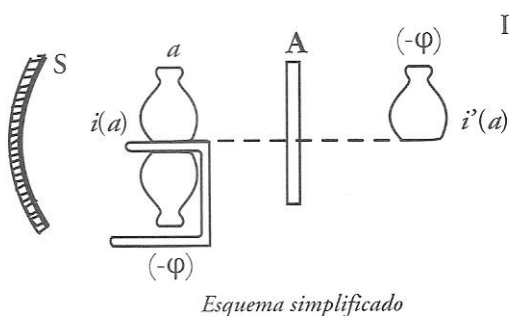
Mas para que a ilusão do vaso invertido se produza, ou seja, para que o sujeito tenha acesso ao imaginário, é preciso que o olho que o simboliza esteja situado no cone e isso só depende de uma coisa, sua situação no mundo simbólico que já está lá, com efeito. As relações de parentesco, o nome, etc... definem o lugar do sujeito no mundo da palavra, determinam se ele está no interior desse cone ou não. Se ele estiver no exterior, ele tem a ver com o real nu, ele está no “alhures”. Tal é de fato o nome desse campo exterior ao cone na física relativista.

O comentário de Darmon destaca a necessidade de pensar o Estádio do Espelho nas três dimensões, ao contrário da leitura simplista que toma esse estádio apenas como um momento de instalação do imaginário. Vemos então que na verdade não é possível compreendê-lo sem considerarmos o *real* do organismo, o *simbólico* da validação da imagem pelo Outro e o *imaginário* propriamente dito da imagem especular.

Apresentamos a seguir a versão dita simplificada do esquema apresentada no *Seminário 10, A Angústia*.¹⁷

¹⁶ DARMON, M. *Essais sur la topologie lacanienne*. Paris: Joseph Clims, 1990. p. 141.

¹⁷ LACAN, J. *O Seminário, Livro 10...* Op. cit., p. 49.



Nesse esquema dito simplificado, Lacan exclui o ramalhete de flores e coloca o a no gargalo do vaso. Ele ressaltava dessa forma o papel do objeto a , o qual se empenha em definir teoricamente nesse Seminário, na valoração de tal imagem. É o objeto a que confere valor à imagem do corpo próprio, que garante o seu caráter totalizante para o pequeno ser. Sem o investimento do objeto a por parte de quem o reconhece como *His Majesty, the baby*, não haveria como o bebê apreender a imagem do corpo próprio, como uma unidade. Lacan escreve no lugar da imagem real, que representa o corpo próprio, $i(a)$, que se lê: imagem de a . Este matema sintetiza a concepção teórica segundo a qual a imagem contém o objeto a , o que pode ser apreendido imaginariamente pela escrita do a no interior dos parênteses. Uma rápida recordação da teoria lacaniana nos faz lembrar que esse a já representou o pequeno outro (*autre*) na primeira abordagem de Lacan, o que subsiste no caráter de alteridade da imagem especular.

Porém, além de ser a imagem do corpo próprio, $i(a)$ é também a imagem sedutora. Toda imagem que se apresenta como desejável para o sujeito porta em si esse a , ao qual Lacan se refere aqui como o investimento libidinal. Só que o sujeito não consegue enxergá-lo, por ele estar fora do campo das percepções, por não ser especularizável. Trata-se aqui do caráter imaterial do objeto a , tema caro a Lacan, que o discute extensamente nesse *Seminário 10, A Angústia*, e que comentei em outro lugar.¹⁸

O a , suporte do desejo na fantasia, não é visível para o homem naquilo que constitui a imagem do seu desejo.

Em outro lugar, alguém dessa imagem, à esquerda, existe a presença de a , demasiadamente próxima dele para ser vista, mas que é o *initium* do desejo. É a partir daí que a imagem $i'(a)$ adquire prestígio. No entanto, quanto mais o homem se aproxima, cerca e afaga o que acredita ser o objeto de seu desejo, mais é, na verdade, afastado, desviado dele. Tudo que ele faz nesse caminho para se aproximar disso que dá sempre mais corpo ao que, no objeto desse desejo, representa a imagem especular.¹⁹

¹⁸ TEIXEIRA, M. *Comentário do Seminário 10, A Angústia*, aula XV – “Coisa de macho”. Disponível em: <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1282/coisa-de-macho.pdf>

¹⁹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 10...Op. cit.*, p. 51.

Os corpos que o sujeito vê serão desejáveis se suas imagens forem investidas pelo *a*, que ele não pode ver. O corpo é sem dúvida material, porém o que faz dele um corpo desejável para o sujeito é o fato de ser investido por um objeto imaterial.

Charles Melman comenta a propriedade da imagem de desencadear o desejo para o sujeito independente de estar colada a um corpo tangível.

[...] é a imagem de um corpo que é amada e desejada: ela é, por suas origens mesmas, o suporte do desejo. E sabemos como o erotismo pode se entreter, ou mesmo se satisfazer com essa representação pura, desencarnada, sobre papel brilhante.²⁰

A imagem sedutora é aquela que representa a boa forma, a forma idealizada, que contém o objeto *a*. O que se aproxima daquilo que Lacan chama “[...] a questão do sentido da beleza como formadora e como erógena”²¹. Melman indica que não se trata de uma forma qualquer, mas que ela tem uma origem muito precisa.

[...] Em todo caso, o que justifica a notação de Lacan *i(a)* consiste simplesmente no seguinte: a imagem primeira sedutora para a criança é uma imagem que vem do real, e é por isso, aliás, que ela é sedutora, a da mãe como real. E é à medida que ela vem do real que ela é sustentada por esse objeto que, ele mesmo, pertence ao real.²²

Observem que partimos do Estádio do Espelho para entender a primeira noção de corpo no ensino de Lacan, estudando a construção da imagem do corpo próprio a partir do olhar do Outro, que investe essa imagem que o sujeito reconhecerá como aquela do seu corpo. O investimento da imagem especular nos levou ao investimento dos corpos como desejáveis para o sujeito. O que diz respeito, em suma, ao próprio mecanismo do desejo. É isso que leva Soler a afirmar: “A relação especular não é a relação a uma forma! É a relação a uma forma libidinizada, investida de libido [...] É por isso que eu sustento que a erotologia começa ao nível imaginário.”²³

Além do desejo, Soler vê também no Estádio do Espelho uma referência ao gozo:

Porque se vocês retomarem esse estágio do espelho, é claro que ele insistiu bastante sobre a forma, a imagem do corpo, a *Gestalt* – muito bom, mas poderíamos dizer que trata-se de um momento de gozo da forma. Lacan emprega as expressões jubilação e mesmo *azáfama jubilatória* da criança diante do espelho. Azáfama jubilatória, isso poderia evidentemente se traduzir como “excitação”, excitação

²⁰ MELMAN, C. *Nouvelles études sur l’hystérie*, Paris: Joseph Clims/Denoël, 1984, p. 106-107.

²¹ LACAN, J. O estágio do espelho...Op. cit., p. 99.

²² MELMAN, C. *Para introduzir à psicanálise nos dias de hoje*. Porto Alegre: CMC, 2009, p. 139.

²³ SOLER, C. *Seminário de leitura de texto...* Op. cit., p. 28-29.

diante do espelho. Ora, excitação é justamente, em matéria de gozo, a base: excitação do corpo diante de uma imagem.²⁴

O $(-\phi)$ enquanto falta e reserva operatória



Esquema óptico simplificado (LACAN, 1963/2005: 54)

Nesse mesmo *Seminário 10, A Angústia*, Lacan²⁵ apresenta o esquema com algumas modificações importantes: ele elimina o vaso invertido sob a bancada, escrevendo apenas $(-\phi)$. Esse $(-\phi)$ presente nessa versão simplificada não aparece em outras apresentações do esquema. Do que se trata aqui? Qual o papel do $(-\phi)$? Estamos acostumados a entendê-lo na teoria de Lacan como o falo imaginário, faltante, uma referência à castração imaginária. Mas qual o seu sentido aqui?

Marie-Christine Laznik²⁶ comenta essa versão do esquema óptico.

Notamos de saída uma diferença fundamental com o esquema de Bouasse: a *imagem real* que aparece embaixo do vaso (*objeto real*) não é mais pura cópia de um objeto escondido, como no caso do buquê de flores, mas o *efeito de uma falta* que Lacan vai escrever “menos fi” $(-\phi)$. A partir do que eu posso entender, através da minha prática clínica, aqui está a leitura que proponho desse grafo: este que sustenta o lugar do Outro primordial vai dar sua falta $(-\phi)$. Dizer isso, que esse Outro dá sua falta, permite escrever $\bar{A}$ (*A barrado*). Deixemos de lado a questão de saber se o lugar desse Outro primordial é sustentado pela mãe ou pelo pai. [...]

[...] Atrás do espelho, no campo imaginário, não vemos mais surgir a *imagem virtual* do conjunto do que se tinha podido constituir (à esquerda). Os pequenos *a* não são especularizáveis – o que Lacan

²⁴ SOLER, C. *L'en-corps du sujet...* Op. cit. Aula de 20 de março de 2002. p. 114-115.

²⁵ LACAN, J. *O Seminário, Livro 10...* Op. cit., p. 54.

²⁶ LAZNIK, M.-C. *Do fracasso...*, Op. cit., p. 54-55.

nomeia a não-especularização do falo, que volta na imagem virtual como uma falta (- ϕ). Observem que *esta falicização da criança se situa somente no olhar do Outro*, e aqui o A maiúsculo se impõe clinicamente, pois na sua relação à sua imagem, ao outro seu semelhante, o sujeito só pode se ver como marcado pela falta.

Laznik se refere ao (- ϕ) como relativo à falta no Outro. A distinção a ser feita aqui é entre o Outro enquanto puro lugar, tesouro dos significantes, e o Outro primordial enquanto aquela ou aquele que se ocupa dos cuidados maternos. Não que existam dois Outros (não há “Outro do Outro”), mas é preciso que esse lugar vazio seja ocupado transitoriamente por um sujeito que se situa para o *infans* como encarnação do Outro. Porém um Outro que nessas condições se apresenta como faltante, o que lhe possibilita enxergar o pequeno ser como objeto que preenche a sua falta, o que não seria possível se esse Outro fosse um puro lugar, o tesouro dos significantes ou a linguagem, uma vez que “a linguagem” não pode tomar o bebê como o objeto que preenche a sua falta.

Acerca desse ponto Soler frisa também a importância do Outro que autentifica a imagem:

No esquema óptico, o A – que Lacan representa por um espelho plano que permite aceder à imagem do corpo próprio no espelho – este Outro [...] é um Outro que fala, que olha, que autentifica a imagem. Não se trata da linguagem, já que “a linguagem, isso não existe” [LACAN, J., *Seminário 25, O momento de concluir*, aula de 15/11/77], é um lugar, são significantes, mas não está em si mesmo animado nem pela libido, nem pelo gozo.

Esse Outro aí é o primeiro mediador do par. É isso que Lacan levou um tempo para introduzir, mas ele o fez explicitamente ao dizer que, para que a imagem especular adquira seu peso, seu valor, faz-se necessário que o Outro – ou aquele que encarna o Outro – a autentifique por meio de sua fala, de seu olhar, de seu interesse. Dessa vez, portanto, trata-se de um Outro do discurso.²⁷

Mas o que interessa principalmente a Soler, o ponto a que ela dedica especial atenção no seu comentário do *Seminário 10, A Angústia*, é o papel do (- ϕ) e a sua não-especularidade. Vejamos o que ela diz a esse respeito:

Que escreve exatamente (- ϕ) nesse texto? Vocês podem notar que inicialmente Lacan não escreve (- ϕ) no espaço do Outro, por trás do espelho, enquanto que em muitos textos ele explica que (- ϕ) se apreende no Outro, como falta do Outro. Nesse texto, ele escreve (- ϕ) do lado da imagem real, e mesmo abaixo, lá onde não se trata da imagem do espelho, mas do organismo real. O que isso quer dizer? Ele enuncia muito claramente: o investimento da imagem, a quota de investimento, *a*, não

²⁷ SOLER, C. *Seminário de leitura de texto...* Op. cit., p. 38.

cativa toda a libido investida no corpo próprio. Ela cativa apenas uma parte e uma parte fica investida no corpo próprio.²⁸

A partir da leitura de Lacan, a autora situa dois pontos: $i(a)$, a imagem que, como vimos, foi investida pelo objeto a , e o $(-\phi)$, que representa aqui o que resta do lado do sujeito como “reserva operatória”.

Vejamos o que diz Lacan a respeito disso:

Nesse lugar da falta onde algo pode aparecer, coloquei pela primeira vez, e entre parênteses, o sinal $(-\phi)$. Ele lhes indica que aqui se perfila uma relação com a reserva libidinal, ou seja, com esse algo que não se projeta, não se investe no nível da imagem especular, que é irreduzível a ela, em razão de permanecer profundamente investido no nível do próprio corpo, do narcisismo primário, daquilo a que chamamos autoerotismo, de um gozo autista. Em suma, ele é um alimento que fica ali para animar, eventualmente, o que intervirá como instrumento na relação com o pequeno outro, o outro constituído a partir da imagem de meu semelhante, o outro que perfilará sua forma e suas normas, a imagem do corpo em sua função sedutora, sobre aquele que é o parceiro sexual.²⁹

Lacan define, portanto, o $(-\phi)$ como *reserva libidinal* que resta investida no próprio corpo, algo da ordem do autoerotismo; destaca também a sua não-especularidade; finalmente, situa o seu caráter operatório, como instrumento que serve para abordar o pequeno outro, o parceiro sexual, cuja imagem exerce seu poder de sedução sobre o sujeito. Soler comenta esses pontos: “No fundo, o primeiro investimento especular da imagem deixa uma parte do lado do ser, do lado do sujeito: nem tudo se investe na imagem. Existe um resto, diz Lacan. Ele o chama ‘resto’ de investimento libidinal da imagem – ele diz ‘esta reserva’”³⁰.

A autora salienta ainda que essa reserva permanece inconsciente para o sujeito: “A quota de investimento está do meu lado, mas não a vejo; e eu tampouco sei disso.”³¹

Acerca da questão da não-especularidade do $(-\phi)$ e do a , que Lacan chama tanto a atenção, ela comenta: “O sujeito não tem imagem. Tem um corpo, que tem uma imagem, mas ele, como sujeito, não tem mais imagem que o Outro, ele é um desconhecido.”³² E acrescenta: “Por que se diz que nem a nem $(-$

²⁸ Id., *ibid.*, p. 29.

²⁹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 10...Op. cit.*, p. 55.

³⁰ SOLER, C. *Seminário de leitura de texto...Op. cit.*, p. 29.

³¹ Id., *ibid.*, p. 32.

³² SOLER, C. *Declinações da angústia*. São Paulo: Escuta, 2012, p. 33.

φ) têm imagem? Porque esses são dois avatares disso que, desde Freud, nós chamamos de libido, dois avatares do investimento, do interesse focalizado no objeto erótico, e isso não é da ordem do visível”³³

Considerações finais

Vimos que Lacan, ainda que tomando como ponto de partida estudos psicológicos e até mesmo referências etológicas, não faz do Estádio do Espelho uma fase do desenvolvimento, natural e instintiva, mas um momento de constituição da imagem corporal e do *eu* que depende não somente do Imaginário, mas sobretudo do Simbólico. Nesse processo é fundamental a validação da imagem especular por parte de quem ocupa o lugar de Outro para o *infans*, para que este possa assumir essa imagem como aquela do seu corpo próprio. Por efeito de tal reconhecimento, o corpo real, ou seja, o corpo na sua materialidade orgânica, momentaneamente incapaz de ser percebido enquanto unidade, passa à condição de corpo próprio, assumido sob a forma de uma imagem unificadora e totalizante.

Esse é também o momento lógico de passagem do sujeito da sua condição de sujeito falado, inscrito na linguagem, àquele que pode assumir uma posição de sujeito. Mais uma vez, o reconhecimento do Outro desempenha aqui um papel fundamental.

Para Lacan e os autores que o comentam, o investimento libidinal da imagem real, *i(a)*, é ao mesmo tempo condição de passagem do corpo real ao corpo pulsional, recortado em zonas erógenas, e condição para poder abordar o corpo do outro, do parceiro sexual. Nesse sentido, o $(-\phi)$ e o objeto *a* desempenham papel determinante, embora diverso. Comentei em outro lugar³⁴ a diferença entre um e outro, que não ressaltei aqui, dado o escopo do texto.

Finalmente, é digno de nota o quanto a concepção do corpo na teoria de Lacan, que ressalta a importância do Outro, se distingue da concepção ideológica muito em voga, que supõe uma autonomia do sujeito (no sentido de indivíduo) que escolhe e determina o papel do seu corpo em um puro exercício da sua vontade consciente.

³³ SOLER, C. *Seminário de leitura de texto...* Op. cit., p. 41.

³⁴ TEIXEIRA, M. *Construção do conceito de objeto a no Seminário 10, A Angústia*. Disponível em: <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1291/constru%C3%A7%C3%A3o-do-conceito-de-objeto-a-no-semin%C3%A1rio-10.pdf>

